

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

DIÁLOGOS COM O NAAPA

ADOLESCENTES E EDUCADORES: CONSTRUINDO RELAÇÕES DIALÓGICAS MEDIADAS PELA ARTE

São Paulo - 2021



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bruno Covas

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Minéa Paschoaleto Fratelli

Secretária Adjunta de Educação

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

DIÁLOGOS COM O NAAPA

**ADOLESCENTES E EDUCADORES: CONSTRUINDO
RELAÇÕES DIALÓGICAS MEDIADAS PELA ARTE**

São Paulo - 2021

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bruno Covas
Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação

Minéa Paschoaleto Fratelli
Secretária Adjunta

Malde Maria Vilas Bôas
Secretária Executiva Municipal

Omar Cassim Neto
Chefe de Gabinete

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Daniela Harumi Hikawa - Coordenadora

**NÚCLEO DE APOIO E ACOMPANHAMENTO
PARA APRENDIZAGEM - NAAPA**

Márcia Andrea Bonifácio da Costa Oliveira
Vilma Aparecida Galhego
Alex Benjamim de Lima

ASSESSORIA TÉCNICA

Fernanda Pereira Medeiros
Guilherme Siqueira Arinelli
Lilian Aparecida Cruz Dugnani
Maura Assad Pimenta Neves

REVISÃO TEXTUAL

Roberta Cristina Torres da Silva
Vilma Aparecida Galhego

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Ana Rita da Costa
Angélica Dadario
Cassiana Paula Cominato
Fernanda Gomes Pacelli - Projeto Gráfico e Editoração
Simone Porfírio Mascarenhas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadora Pedagógica.

Adolescentes e educadores : construindo relações dialógicas mediadas pela arte. – São Paulo : SME / COPED, 2021. (Coleção Diálogos com o NAAPA, v. 4).
24 p. : il.

Bibliografia

1. Psicologia da aprendizagem. 2. Problemas emocionais – Adolescência. 3. Educação e arte. 4. Interdisciplinaridade na educação. I. Título. II. Coleção.

CDD 370.152

Código da Memória Documental: SME10/2021
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>

Prezada educadora, prezado educador

“Nosso belo dever é imaginar que há um labirinto e um fio.”

Jorge Luís Borges

A adolescência é uma fase de transição no desenvolvimento físico e psicológico, e como um tempo que já não encontra referência na infância, mas também não alcança a fase adulta, desencadeia inúmeros questionamentos, fato muitas vezes incompreendido nas relações que se dão no espaço educacional.

Considerando o tempo da adolescência, faz-se necessário deslocar o foco, muitas vezes, centrado nos conflitos recorrentes entre estudante e professor na escola, para enxergá-lo a partir de outras perspectivas, a fim de compreender toda a complexidade que dele engendra, mas igualmente a potência nele inscrita.

A abordagem dos conflitos recorrentes, vividos pelos adolescentes, perpassam por inúmeros fatores que ora apresentamos no desejo de problematizar as questões inerentes a essa temática, bem como de entender as ressonâncias advindas dela.

Por isso, o diálogo, que ora propomos, busca refletir acerca do tempo da adolescência, bem como da relação de adolescentes e educadores mediados pela arte, descrevendo algumas experiências significativas, promotoras de aprendizagem e desenvolvimento, como também construtoras de relações dialógicas e facilitadoras do encontro com esse tempo da vida.

Equipe NAAPA

SUMÁRIO

VOCÊ SABIA?7

PENSE NISSO.....10

ISSO PODE AJUDAR17

REFERÊNCIAS.....23

VOCÊ SABIA?

Nas discussões sobre a adolescência é comum surgir a pergunta de profissionais, responsáveis e dos próprios jovens: quais são as características dos adolescentes de hoje? Indagação mais do que pertinente, uma vez que a adolescência é produto e construção humana, sofrendo constantes mudanças a depender dos processos históricos, sociais e culturais em que ocorre. Essa aceção nos indica que para se entender quem é o adolescente na atualidade é preciso também compreender como o mundo contemporâneo se apresenta e se relaciona com ele.

A adolescência, em nossa sociedade, muitas vezes é compreendida como um preparo para a vida adulta, marcada histórica e culturalmente pela outorga de mais independência e responsabilidades aos sujeitos. Por exemplo, muitos de nossos estudantes começam a poder ir e voltar sozinhos da escola, são autorizados a realizar passeios com os colegas sem a companhia dos adultos, ficam mais tempo sozinhos em casa. Outros, por sua vez, são implicados em atividades laborativas, como o cuidado do lar, dos irmãos mais novos, um possível emprego e até a constituição de uma família. Daí a importância da reflexão de que a condição de adolecer, especialmente no contexto de desigualdades brasileiro, pode ser vivenciada de forma diversificada de acordo com as condições socioeconômicas, de gênero, etnia e padrões de discriminação e preconceitos específicos a que cada jovem está submetido.

No contexto escolar do nosso país, esse período é marcado pela mudança do Ciclo Interdisciplinar, que compreende o 4º, 5º e 6º anos, para o Ciclo Autoral, composto pelos 7º, 8º e 9º anos, e é nesse momento que os estudantes passam por uma mudança no que se refere ao número de professores, pois, embora tenham no Ciclo Interdisciplinar outros especialistas para além do professor de referência, é a partir do 6º ano que passam a ter aulas com vários especialistas, além de serem convocados à aproximação de conhecimentos mais complexos e

diversificados, demandando mais autonomia em relação às atividades escolares.

Todas essas transformações nas formas de relação, aliadas às mudanças corporais e fisiológicas, vão dando notícias de que não se é mais criança. Diante do novo, e ainda misterioso, mundo que se abre, os interesses mudam e as estratégias e atitudes até então utilizadas para se relacionar consigo mesmo e com os outros não atendem mais às demandas que lhes são apresentadas pelo meio, precisando ser reconstruídas.

Somos convidados a compreender, portanto, o adolescente de hoje como alguém que está sendo e que virá a ser. Sujeitos que, permanentemente, são transformados pela realidade ao mesmo tempo em que a modificam. Protagonistas e atuantes em seus próprios processos de desenvolvimento, buscam espaços em que possam ser ouvidos, em que seus pensamentos, emoções e compreensões de si mesmo e do mundo possam ser levados em conta. Adolescentes que anseiam serem reconhecidos pelos adultos como integrantes de uma coletividade na busca pela construção de um mundo diferente com vistas a um futuro melhor.

Como tão bem nos descreve Neves (2020), em seu poema: “Ser adolescente”:

*Ser adolescente é ver um novo mundo se abrir em sua frente
Por encontrar em palavras antigas significados diferentes
E adquirir novos conceitos, ampliar o pensamento, imagi-
nar novas cenas
E, assim, interpretar a si, ao outro e a tudo ao redor de
novas maneiras
É questionar o que antes não podia, por ter o pensamento
preso ao concreto*

*E, agora, pelo pensamento abstrato querer entender, ques-
tionar, e não ficar quieto
É se diferenciar do que se era, em busca de um novo vir a ser
Descobrir outros modos de se relacionar e com novos inte-
resses se envolver
E se ver ser tratado como criança, quando adulto se quer ser,
E ao querer voltar à infância, ter que ouvir que é preciso
crescer
E assim sentir-se incompreendido, como se nada do que
sente possa ser olhado com profundidade
Pois, por mais intenso que seja, sempre vão lhe dizer que
“é coisa da idade”.*

(Maura Assad Pimenta Neves, Outubro/2020).

As palavras de Neves desvelam quem é o adolescente. Produto das relações sociais, históricas e culturais, o adolescente é alguém que **está se desenvolvendo, que está aprendendo e que está sendo**. No gerúndio, sim! Pois se trata de alguém que está em um constante movimento que amalgama o passado - quem já se foi; o presente - quem se é; e o futuro - que vislumbra vir a ser.

Em uma complexa relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, constituem-se os jeitos singulares de se relacionar. Mas quais são as principais mudanças que ocorrem nesse período de transição? É o que veremos a seguir.

PENSE NISSO

A adolescência é marcada por rápidas e intensas transformações que envolvem o corpo, o modo de pensar e de agir, a reestruturação da personalidade, o desenvolvimento de novos gostos e interesses, além de outras formas de sentir e expressar as emoções. Tantas mudanças não poderiam caracterizar este momento do desenvolvimento humano como calmo e tranquilo para o sujeito, mas é nesse período que ele começa a saber-se de si como capaz de protagonizar a sua própria história (BOZHOVICH, 2004), e reside aí a beleza da adolescência.

Como um ator que está prestes a entrar no palco, e se prepara na coxia, com todas as sensações que antecedem aquele momento – tenso, emocionado, imaginativo, pensativo –, o adolescente pulsa em sentimentos e emoções que quer exprimir para a plateia, tendo como texto a narrativa de quem ele é, como vê o mundo e como se percebe neste. Isto porque na adolescência o sujeito desenvolve um nível mais profundo de autoconsciência como sendo uma personalidade única, ir-repetível e singular, distinguindo-se de todos os outros. Com isso, amplificam-se o desejo de autoafirmação e autoexpressão, o que faz com que reconheça em si traços de personalidade que considera valiosos e os quais deseja mostrar ao mundo (BOZHOVICH, 2004).

Contudo, nem sempre o adolescente encontra plateias disponíveis a vê-lo e ouvi-lo, nem espaços para se expressar tal como gostaria, pois suas necessidades e demandas internas, via de regra, encontram barreiras e limitações impostas pelo meio social, que ora o vê como criança, ora como grande demais para determinadas atitudes e situações. Estes desencontros entre ele e o meio geram conflitos e frustrações, mas isso não o impede de buscar, ainda assim, se autoafirmar, autoexpressar e autodesenvolver. Talvez ele se embote, às vezes até diminua a vontade de se expor para uma plateia muito grande; em

outras, encontra formas não muito aceitas pela sociedade para fazer-se notado, mas seja qual for o modo que encontre, o fato é que, de um jeito ou de outro, encontrará meios de autoexpressar-se. Ora junto aos seus pares, ora escrevendo ou de alguma outra forma autêntica que lhe gere a sensação de estar existindo e exprimindo tal existência.

Embora não seja mais uma criança, tal como o ator que está prestes a entrar no palco e se apresentar ao público, o adolescente necessita de outros que contribuam ao seu momento de estrear na vida adulta. No momento da apresentação de uma peça teatral, é comum que estejam presentes também outras pessoas que fazem parte do espetáculo, tais como o contrarregista, o sonoplasta, o cenotécnico, o diretor. Todos buscam dar segurança e apoiar os atores, e oferecem o suporte necessário para que o ator e/ou atriz entre em cena, e, cada qual com sua função, atuam conjuntamente, contribuindo com a apresentação. E, no espaço da coxia, há os momentos em que o ator precisa estar junto com os demais, bem como ficar consigo mesmo para que possa se concentrar.

Analogamente, assim como o ator conta com outros profissionais na coxia para que consiga entrar no palco, o adolescente também necessita de outras pessoas que o ajudem a trilhar o caminho nesse período de transição, para que possa subir ao palco da vida adulta. Não se trata de uma tutela, no sentido de traçar **por** ele o caminho, dando-lhe opções restritas que não o ajudam a desenvolver sua autonomia e autenticidade, mas sim de traçar **com** ele, ajudando-o a pensar, a refletir e possibilitando-lhe aprender a escolher por quais caminhos deseja seguir.

Diferentemente da criança, o adolescente possui recursos, como o pensamento abstrato e a imaginação, que lhe são favoráveis à análise das situações, à criação de perspectivas de futuro e à autorregulação de suas ações no presente (SOUZA, 2016a). Entretanto, fazer isso sozinho se torna muito mais difícil, e ter um parceiro mais experiente que, pela mediação, o auxilie a percorrer essa trajetória contribui ao desenvolvimento de novas formas de ser, pensar e agir.

É na adolescência que o sujeito é convocado à corresponsabilização dos próprios atos, ao mesmo tempo em que está mergulhado na efervescência, nos desejos e nas oscilações de quem está na coxia, prestes a entrar no palco, no qual protagonizará e se responsabilizará pelas suas próprias escolhas de vida. Neste momento, ele começa a ensaiar suas escolhas para o futuro, e não raro se depara com os impasses e os impactos dessas, por perceber com maior precisão que estão relacionadas às ações e decisões que assume no presente. Diante de tantas novidades, as emoções e pensamentos entram em uma espécie de ebulição, e suas expressões parecem se tornar mais viscerais aos olhos dos que os rodeiam.

Bozhovich (2004) afirma que a adolescência é o momento mais agudo e duradouro dos períodos de transição do desenvolvimento humano. Aqui as mediações voltadas para a apropriação dos conhecimentos escolarizados, realizadas pelos educadores, assumem relevância. Isso porque “o acesso a novos conhecimentos, relativos às coisas do mundo e às normas e valores da cultura” (SOUZA, p. 15, 2016b) favorece significativamente o desenvolvimento da criticidade, que é condição para formas mais elaboradas de se relacionar, compreender e atuar. É nesse sentido que Vigotski (1934/2012b) afirma que desenvolvimento e aprendizagem são indissociáveis.

Por isso, na adolescência, assistida pelo Ensino Fundamental II e Ensino Médio na educação brasileira, os conteúdos escolarizados se tornam mais complexos, mais abstratos, e, apreendê-los, exige maiores níveis de generalização. Dialeticamente, o pensamento e a imaginação assumem novas características e amplia-se a capacidade de relacionar os conteúdos acessados nos diferentes contextos da realidade do adolescente. Para alguns teóricos do desenvolvimento humano (Vigotski, 1934/2012b), esse pensamento é denominado pensamento por conceito, o qual favorece, junto com a imaginação, o aprendizado dos conceitos científicos ensinados na escola.

Contudo, “a discrepância entre os desejos do adolescente, associados à sua consciência e afirmação de si mesmo como personalidade e sua posição real como aluno pode dar origem ao desejo de escapar dos confins da vida escolar cotidiana para alguma outra vida onde ele possa ser importante e independente” (BOZHOVICH, 2004, p. 80).

Ao adolescente se tornar capaz de realizar outras tantas relações entre conteúdos e informações que antes não lhe eram possíveis, produz-se uma mudança de interesses, por ter a percepção dos acontecimentos, de si, dos outros e do mundo, transformadas (VIGOTSKI, 1934/2012b). Essa mudança de interesses ocorre tanto pela reestruturação do pensamento como pelas transformações do corpo, próprias do momento da maturação biológica da puberdade (BOZHOVICH, 2004).

Embora existam características comuns a este período, o próprio conceito de adolescência foi se transformando ao longo das décadas, concomitantemente às transformações sociais. A adolescência em si já é uma construção social, datada do século XIX (BOCK, 2007; OZELLA, 2002), mas, uma vez assumida como um período do desenvolvimento humano, é necessário não perdermos de vista que cada adolescente viverá de um jeito singular, de acordo com a sua época, cultura, classe social, etnia, gênero e personalidade.

Tal como um ator constrói sua personagem – mediante informações que obtém ou cria a respeito de sua origem, tempo histórico em que nasceu e viveu, especificidades de seus aspectos físicos, psicológicos, emocionais, acontecimentos marcantes da vida –, o adolescente é alguém que está se construindo em meio a toda essa relação de fatores que se imbricam e que o constituem como sujeito único. Fará parte desse processo muito daquilo que ele acessar de conhecimentos cotidianos, científicos, de suas experiências e vivências, que passam por suas significações e lhe impactam de modo peculiar. É neste sentido que Vigotski (1935/2010) dizia que o meio é fonte de desenvolvimento. Ou seja, toda e qualquer pessoa se desenvolve, desde a infância, em sua relação, apropriação e significação do meio em que vive, e do qual, dialeticamente, é parte integrante.

Todos os espaços ocupados pelo sujeito se configurarão como meio, e, a escola assume para o estudante um papel fundamental no desenvolvimento humano à medida que viabiliza a apreensão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Para o adolescente, a escola é como um portal de acesso aos inúmeros conhecimentos que podem levá-lo à construção de um pensamento crítico e, ao favorecer o desenvolvimento da formação de conceitos, do raciocínio lógico, da compreensão da historicidade dos acontecimentos, localiza-o no tempo e no espaço, amplia suas possibilidades de interpretar os textos e subtítulos que constituem o mundo em que ele está inserido e amplifica, por meio de tudo isso, as suas possibilidades de imaginar, pensar, sentir e agir. Nesse cenário, os adultos que fazem parte do universo de relações dos adolescentes assumem um papel imprescindível: o de mediador dos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Neste sentido, se na adolescência encontramos sujeitos ávidos por viver novas experiências e desbravar todo um universo de possibilidades que se abre a sua frente, quando estes encontram um outro que os ajuda a trilhar o caminho do desbravamento, sentem-se mais seguros e confiantes e podem encontrar neste outro além do apoio, um repertório de experiências que ainda não possuem, podendo “pegá-las emprestadas”, analisar se lhe servem e incorporá-las às suas vivências empíricas, dando-lhes uma nova configuração, resignificando-as e transformando-as em algo novo e singular, em outras palavras, potencializando a capacidade de ação para se relacionar e transformar o mundo em que está inserido.

Vivendo um cenário inédito na história recente da humanidade, o isolamento/distanciamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19, os adolescentes foram confrontados, assim como todos nós, com a necessidade de construir novas formas de ser, pensar, sentir e existir no mundo. Os trabalhos produzidos pelos estudantes ao longo da pandemia, no período de maio a dezembro de 2020, têm colocado

em evidência a potência dos nossos educadores e jovens, na construção de formas colaborativas e cooperativas de compreender e superar as dificuldades pedagógico-educacionais impostas nos dias de hoje. As produções vão nos dando notícias do que é ser adolescente nesses tempos e como as mediações que tem em seu núcleo a apropriação do conhecimento os ajudam a se expressar, refletir e ressignificar emoções, pensamentos e formas de ação.

As expressões são tão plurais, singulares e diversas quanto são cada uma das pessoas que compõem a rede. Os vídeos, poemas, músicas, pinturas, desenhos, quadrinhos, contações de história e dramatizações vão nos dando pistas das questões que angustiam os adolescentes, e revelam proposições criativas e autorais para superá-las. Aninha Ramos escreve o poema “Infância Violentada”, abordando o tema da violência sexual contra crianças. Os integrantes do Grupo Língua Solta: Bianca Araújo, Jackeline Lopes, Júlia Vasques, Joana Ribeiro e Gabriel Lopes o encenam. Ao final, dão seu recado: Não se Cale!

O Grêmio Estudantil Poder Jovem, da EMEF Lourenço Filho, em parceria com as professoras Carolina Ferreira Pereira da Fonseca, Newci Sanhes Prado, Regimara Afonso de Oliveira Degilio Mufalo, e as estudantes Evelyn Ayres dos Santos, Laura Caroline Souza Machado, Julia Ramos Ferreira, Julia Pereira da Silva, Rayane Gabrielle de Oliveira Fabris tratam do tema da violência psicológica, destacando a opressão direcionada aos corpos femininos. A mensagem é assertiva #Nãoaospadrões !

Thiago Santiago escolheu criar um rap para chamar a atenção para a importância de se respeitar o Estatuto da Criança e Adolescente - ECA. Faz questão de dizer que aprendeu sobre o assunto no Centro para Criança e Adolescente - CCA Arte na Rua, agradece à Dani e ao Fabiano e encerra o vídeo perguntando para sua mãe se a sua apresentação tinha sido boa. Sua música destaca a relevância do adulto na mediação da apropriação do conhecimento de temas complexos e do apoio no favorecimento da expressão de suas compreensões e emoções.

Esses são apenas alguns exemplos de que os jovens se interessam e se engajam coletivamente com os adultos para se expressarem e buscarem soluções para o que os aflige, assim como revelam o desejo de serem aceitos, valorizados e reconhecidos, suas inquietações e proposições de soluções. A opinião do outro, nessa idade de transição, como chamava Vigotski (1934/2012), importa muito e são a fonte da produção dos afetos que farão o jovem se aproximar ou se afastar das atividades propostas.

Os relatos citados dão concretude para o que se versa teoricamente, afetamo-nos, a vida toda, uns aos outros, quando crianças, quando jovens, quando adultos, quando idosos. Somos afetados positiva ou negativamente por tudo ao redor: pelas pessoas com quem nos relacionamos, pelas notícias que ouvimos, pelos objetos com os quais interagimos, pela arte que apreciamos, enfim, e que passam a ser parte de nós, afinal, nos constituímos por intermédio dos outros, já dizia Vigotski (1930/2012a).

E, ao sermos afetados, criamos imagens, ideias, pensamentos, memórias dessas afetações, o que não ocorre de forma natural. Embora seja próprio do corpo o sentir e o se afetar, as ideias dessas afetações passam pela mediação da cultura, ou seja, o modo como significamos as experiências ocorrem por meio do que aprendemos pela interação com os outros VIGOTSKI (1930/2012^a). Olhando por esse viés, nenhum adolescente é naturalmente criativo, envolvido, participativo, interessado, questionador, apático, desinteressado, desrespeitoso. Ele o é pelo modo como é afetado nas relações que empreende com o meio. Confiamos que o conhecimento historicamente acumulado pela humanidade e compartilhado pelos espaços escolares é capaz de afetar e transformar o modo de ser, estar, agir e sentir o mundo do adolescente.

A seguir, trazemos algumas possibilidades de trabalho com os adolescentes, na busca por afetá-los positivamente, e fortalecer as interações desses com os professores, na busca pela construção de um coletivo que possibilite interações mediadas pelos conhecimentos escolarizados.

ISSO PODE AJUDAR

Se os adolescentes em suas singularidades possuem interesses diversos, podemos imaginar que há muitas formas de se trabalhar com eles, o que pode, por um lado, ser acalentador e, por outro, gerar certa angústia. Mas calma! Apesar de não termos a fórmula mágica, apostamos em uma ferramenta bastante potente e que oferece uma gama de possibilidades: a arte.

Sim. A arte! E não precisa se desesperar, pois não é necessário ser artista e nem *expert* em artes para se trabalhar com ela e promover bons encontros com os jovens.

Por oferecer uma série de opções em suas diferentes formas – pintura, fotografia, filme, poesia, música, dança, teatro – o professor pode trabalhar com a arte com qual tenha mais afinidade, que se encaixe em sua proposta, bem como buscar aquelas com as quais o grupo se identifica e se sinta à vontade em usar. Olhar para esses aspectos já é um começo para a escolha da expressão artística que mais será favorável ao que se pretende realizar com a turma.

Para inspirar, trazemos dois relatos de práticas realizadas com estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de duas escolas públicas e que versam sobre uma experiência de parceria entre uma psicóloga e uma professora. A turma do Ensino Fundamental II estava no 7º ano, em uma classe de recuperação por apresentarem “dificuldades de aprendizagem” identificadas pelas professoras e pela coordenadora pedagógica da escola. O objetivo do trabalho da psicóloga com esta turma era, a priori, analisar se a música favoreceria o desenvolvimento do pensamento por conceito dos adolescentes. Para isso, foram realizados diversos encontros semanais na escola com os estudantes, que eram meninas e meninos de onze, doze anos. Muito falantes, agitados, empolgados, e que não davam muito ouvidos ao que a psicóloga tinha a lhes dizer.

A música foi, portanto, a expressão artística escolhida para mediar discussões sobre o que os interessava em suas vidas cotidianas dentro e fora da sala de aula, bem como a respeito dos conteúdos das próprias letras que ouviam, assim como de músicas do universo da psicóloga, pois a ideia era que o diálogo e a troca de experiências, mediadas pelas músicas, favorecessem as expressões, mobilizassem o pensamento, a imaginação e o ato criativo dos adolescentes.

Para que fosse possível essa interação ocorrer, na busca de afetá-los, a psicóloga se propôs a mostrar-lhes algo pelo que tinha muito apreço, mas que só fazia em momentos e lugares muito específicos: cantar. Chegou até a sala de aula, imbuíu-se de coragem e cantou. Os alunos que antes pouco se atentaram às atividades propostas pela psicóloga em sala, ao ouvirem-na cantar, silenciaram-se, emocionaram-se, aplaudiram e cantaram. Sim. Cantaram. Logo essa turma, cujos alunos eram vistos a partir de concepções que ressaltavam os problemas cognitivos, de comportamento, indisciplina, ou com a família, mas não suas potencialidades. Adolescentes que, via de regra, sentem medo ou vergonha de se expor, mas que, surpreendentemente, se expuseram, ao serem afetados pela música. E, então, ocuparam aquele espaço, pedindo para cantar, mostrar outras músicas do seu universo e sugerindo se apresentar nas semanas seguintes, tal como fizeram.

Com o passar das semanas, o projeto se transformou e formou-se um coral. Escolheram as músicas que eram possíveis para uma pessoa que não era maestra ensinar a adolescentes que não eram cantores. Discutiram as letras, conversaram a respeito das metáforas e os significados de conceitos que ali apareciam e eram até então desconhecidos. Assistiram a vídeos de canto-coral. Conheceram mais sobre o corpo, sobre a relação da voz não só com a garganta, mas com o corpo todo, e então aprenderam a senti-lo, a alongar, relaxar, respirar e a preparar a voz para cantar. E também aprenderam a ouvir, algo que é tão importante nas relações humanas e no processo de ensino-aprendizagem dentro e fora da escola.

Os adolescentes da classe de recuperação, que “não paravam quietos”, que eram conhecidos por suas “dificuldades de aprendizagem”, se apresentaram para a escola em um evento para pais, estudantes, mestres e gestores, em que o resultado foi a comoção geral, a mudança da relação deles com a escola e do olhar dessa para com eles e suas potencialidades.

O processo, desde o início, foi de buscar o que lhes afetava positivamente e que favoreceria o desenvolvimento de um trabalho dialógico, que promovesse autodesenvolvimento, autoexpressão e autoafirmação. Então, cantar foi uma via de acesso a esses adolescentes, que, ao longo dos encontros, cantaram, discutiram letras de música, compuseram suas próprias músicas, também propuseram e se envolveram em atividades. Logo, viram-se como protagonistas, participantes ativos do processo de aprendizagem.

Você deve estar se perguntando: e quem não canta e não tem afinidade com nenhum instrumento musical, como pode realizar um trabalho com música? O segundo projeto que apresentamos visa oferecer outra proposta. Este foi realizado com duas turmas do 2º ano do Ensino Médio, pela mesma psicóloga, e o ponto de partida foi sugerir que os estudantes compartilhassem uma ou duas músicas que tivessem a ver com sua vida ou com as quais se identificassem. Ao ter as músicas em mãos, a psicóloga observou que o estilo musical que mais aparecia era o rap, e planejou um encontro em que levou a história de vida de dois dos rappers mais citados para discutir a importância do conhecimento escolarizado e perspectivas de futuro.

A psicóloga pesquisou a vida dos rappers em entrevistas e reportagens, escreveu uma biografia de cada um, narrada em terceira pessoa, focalizando pontos importantes e decisivos de suas trajetórias, antes e depois da fama. Depois ouviram os raps e, em roda, discutiram se as músicas tinham a ver com as histórias de vida dos artistas, quais eram os conhecimentos necessários para o processo criativo e a composição do rap, onde os conhecimentos escolarizados apareciam, entre outras questões que surgiam ao longo da conversa, como o impacto da melodia e do ritmo na música.

Depois de mais ou menos duas aulas, com leitura da biografia, audição dos raps e diálogos, foi sugerido que expressassem, ou em forma de texto, ou poesia, ou música, ou desenho, como se sentissem mais à vontade, uma síntese do encontro. Foram diversas as formas de expressão, e destacamos dois grupos de meninas que compuseram uma música cada. Um grupo sintetizou o que havia acontecido no encontro pela perspectiva das componentes, e outro trouxe o aspecto crítico do rap de analisar a realidade pelo viés das desigualdades sociais e econômicas e o preconceito.

Música 1:

“É uma quinta de manhã / Ninguém quer estudar / É duas aulas de inglês e artes pra completar / Chegou Maurinha com uns raps pra geral pensar / Pega a folha, lápis, borracha na mão / Olha a turma pensando / Dando opinião / Eu vou mandar o povo falar / E não precisa nem rimar / Projota veio com a história / E Mano Brown não vai ficar de fora / Eu vou mandar o povo falar / E não precisa nem rimar.” (Produção das alunas A., A., J., S., S., S.).

Música 2:

“Oi, como vai? / Não precisa correr / Aqui é a ‘peri’ / Mas sou igual a você / Os boy julga a gente / Sem nada saber / Mas não tem competência / Pra sobreviver / Acreditamos na vida / No caminho a percorrer / Nós enfrentamos a batalha / Todo dia pra viver / Nunca deixamos de sonhar / Pois o sonho pode realizar / Só depende da gente, da família, / Da sociedade / Temos coragem / Pra enfrentar o destino / Fazemos nossa história / Não apenas seguimos”. (Produção das alunas B., D., D., G., Y., G., E., L., C., P. e da professora S., de Português).

Para acessar esses trabalhos, ambos estão on-line em artigos:

- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272019000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572018000100017&script=sci_arttext

São muitas as expressões artísticas que podemos lançar mão para abrir espaços dialógicos com os adolescentes. O mundo das artes nos auxilia nesses diálogos, pois está submetido à lógica do sensível, dos afetos e são muitos os afetos, emoções e sensações novas que tomamos consciência ao chegar à adolescência. Essas emoções não devem ser silenciadas e nem deixarão de existir pelo simples fato de poderem ser expressas, mas é por meio da relação com um outro mais experiente na caminhada da vida que os adolescentes podem aprender novas formas de significar e dar sentido ao que estão sentindo. Que possamos ser esse outro que não atua por, mas aposta incansavelmente nesses adolescentes.

Algumas sugestões de filmes e documentários que também podem auxiliar

Documentário: *Nunca me sonharam* (2017), com a direção de Cacau Rhoden. O documentário traz a narrativa de estudantes, gestores, professores e especialistas sobre os desafios e expectativas de futuro dos que vivem a realidade do Ensino Médio da escola pública brasileira em diferentes estados do país.

Filme: *As vantagens de ser invisível* (2012), do diretor Stephen Chbosky, que também escreveu o livro homônimo, conta a história de um adolescente de 15 anos que se recupera de uma depressão e tenta seguir sua vida depois de perder o melhor amigo. Na escola, ele conhece Patrick e Sam, que vão ajudá-lo na sua recuperação, no seu crescimento e sua socialização com o mundo exterior.

Filme: *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), do diretor Daniel Ribeiro revela a trajetória de Leonardo, um adolescente cego que tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. O longa traz à tona discussões importantes para se fazer com os adolescentes sobre as pessoas com deficiência, sexualidade e a importância dos laços entre os amigos nesse momento do desenvolvimento.

Mãos à obra!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (org.), **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 163-178.

BOCK, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jan./jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.

BOZHOVICH, L. I. Developmental phases of personality formation in childhood (III). **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 42, n. 4, p. 71-88, 2004.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. (org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p.16-24.

SOUZA, V. L. T. Arte, imaginação e desenvolvimento humano: aportes à atuação do psicólogo na escola. In: DAZZANI, M. V.; SOUZA, V. L. T. (org.). **Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais**. 1. ed. Campinas: Alínea, 2016a. p. 77-94.

SOUZA, V. L. T. Contribuições da Psicologia à compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem. In: SOUZA, V. L. T.; PETRONI, A. P.; ANDRADA, P. C. (org.). **A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: intervenções em contextos educativos diversos**. São Paulo: Loyola, 2016b. p. 11-26.

STETSENKO, A. Theory for and as social practice of realizing the future: implications from a transformative activist stance. In: MARTIN, J.; SUGARMAN, J.; SLANEY, K. L. (eds.). **The wiley handbook of theoretical and philosophical psychology: methods, approaches, and new directions for social sciences**. New Jersey: John Wiley and Sons LTD, 2015. p. 102-116.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, (1935) 2010.

VIGOTSKI, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. 11. ed. Madrid: Ediciones Akal, 2012a. (Original publicado em 1930).

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: paidologia del adolescente: problemas de la psicología infantil**. Madrid: A. Machado Libros, 2012b. (Original publicado em 1934).

ASSESSORIA TÉCNICA

Maura Assad Pimenta Neves

Lilian Aparecida Cruz Dugnani

Fernanda Pereira Medeiros

Guilherme Siqueira Arinelli

Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.
educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica
e-mail: smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br
Telefone: 55 11 3396-0500





CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO